

CHOQUE DE CIVILIZAÇÕES

Rushdie: mesmo no meio da narrativa mais alucinada, a razão é sempre o ponto de equilíbrio

A portrait of Salman Rushdie, a middle-aged man with a grey beard and glasses, wearing a dark pinstriped suit jacket over a blue shirt. He is standing with his arms crossed against a dark grey background.

O EXORCISMO PELA IMAGINAÇÃO

Na superfície, *Dois Anos, Oito Meses e 28 Noites*, de Salman Rushdie, é só uma fantasia sobre criaturas mágicas de colorido oriental. Mas esse romance delirante evoca o pesadelo que o autor viveu quando foi condenado à morte pelo fundamentalismo islâmico **CRISTOVÃO TEZZA**

JÁ NA PRIMEIRA página, o novo romance de Salman Rushdie se apresenta como uma fábula juvenil. Ao contar uma história mirabolante que vai do século XII aos nossos dias, o livro submete referências eruditas a uma estética de história em quadrinhos, com pessoas que levitam, gênios do mal soltos da lâmpada, djins (seres mitológicos que vivem na fronteira do humano e do fantástico) que se transformam em feministas fazendo greve do sexo, monstros, bruxas e feitiços em profusão. Mas a suposta simplicidade narrativa de *Dois Anos, Oito Meses e 28 Noites* oculta um tema literalmente explosivo, quando a barbárie do terror de inspiração islâmica — o mesmo que voltou a agir na semana passada, na Bélgica — parece devolver a civilização humana às últimas trevas da Idade Média. Ao retomar o realismo — este realmente mágico — da tradição oriental, a maravilhosa fonte de *As Mil e Uma Noites*, Rushdie quer, de fato, mais uma vez, exorcizar o terrível fantasma existencial e literário que haveria de transformar sua vida para sempre.

Em 1989, quando boa parte da consciência ocidental ainda se regozijava com a vitória da Revolução Islâmica do Irã contra a ditadura do xá Reza Pahlevi, Rushdie foi objeto de uma *fatwa*, uma maldição irrecorrível do líder Khomeini, que o condenava (e a todos os responsáveis pela publicação de seu livro *Os Versos Satânicos*) à morte. Era a pura, simples e inacreditável expressão de uma sólida política religiosa de Estado, com ramificações globais que parecem inesgotáveis. No centro involuntário de um inferno que desabou sobre sua cabeça, obrigado a viver durante anos anônimo, sob a proteção da polícia inglesa (experiência excruciante que ele relata no excepcional *Joseph Anton*, de 2012), Rushdie não se livraria mais do tema e

de suas implicações. De que modo a literatura — essa criação que se desenhava ao longo do processo civilizador como uma das expressões mais fortes do desejo de liberdade — deve responder ao poder da barbárie? No caso de Rushdie, esse é um problema eminentemente pessoal, e não uma abstração inofensiva. Podemos ler seu último romance sob essa perspectiva.

Eis o argumento, que tem uma assustadora atualidade: uma Guerra dos Mundos nos dias de hoje, movida por entidades mágicas, contrapondo os dois princípios filosóficos que estariam na origem da divisão cultural entre Oriente e Ocidente — de um lado, os fi-

Como a literatura responde à barbárie? Essa não é uma questão abstrata para Salman Rushdie

lhos de Ibn Rushd (1126-1198), conhecido no Ocidente como Averróis, o filósofo que aproximou o saber islâmico da filosofia do grego Aristóteles; e, do outro, os conceitos de Ghazali (1058-1111), que defendia a estrita obediência ao profeta Maomé e se colocava contra o primado da ciência sobre a religião. Equilibrando-se nesse fio filosófico, *Dois Anos, Oito Meses e 28 Noites* é uma narrativa delirante sobre os nossos dias, contada por um historiador que revive os fatos 1000 anos depois.

Salman Rushdie é ele mesmo o encontro de dois mundos. Nascido em Bombaim, na Índia, em 1947, de pais muçulmanos, recebeu formação ingre-

sa, e sua literatura funde as duas influências. No livro, a velha batalha filosófica e religiosa entre Averróis e Ghazali é retomada numa narrativa cosmogônica em que a fantasia, por mais alucinada que seja, se vê enquadrada pela necessidade da razão como ponto de equilíbrio — “a desrazão derrota a si mesma”, sussurra no túmulo o esperançoso espírito de Ibn Rushd. Não é fácil resumir o feérico caleidoscópio do livro, mas bastará antecipar que a personagem-chave, o seu contínuo eixo de referência, é a djin Dúnia, uma simpática criatura de substância imortal “feita de fogo sem fumaça”, amante dos prazeres e do sexo, e que habita o mundo paralelo dos entes mágicos. Fazendo-se esposa de Averróis, gera uma descendência de seres híbridos, de pendores ocidentais.

Oitocentos anos depois, a mesma Dúnia se apaixonará incestuosamente por um dos seus “octonetos”, um certo Mr. Gerônimo (que amanhece um dia levitando como uma figura de Magritte), e então se desencadeia a tal “Guerra dos Mundos”. No final, a narração lembra que é terrível “uma pessoa falar metaforicamente e a metáfora se tornar uma verdade literal”. Rushdie parece fazer referência ao indizível absurdo moral de que foi vítima: “Ele queria de volta a ficção do real. Passear, caminhar, correr e pular, cavar e cultivar. Existir como uma criatura da terra, e não como algum demônio”. ■



DOIS ANOS, OITO MESES E 28 NOITES, de Salman Rushdie (tradução de Donaldson M. Garschagen; Companhia das Letras; 336 páginas; 54,90 reais)